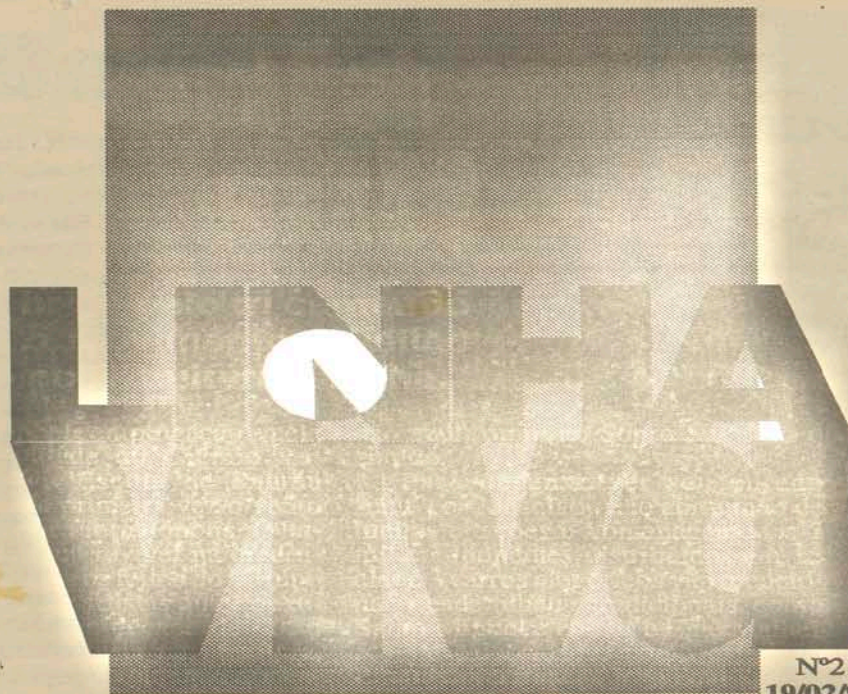


Principal argumento é falso

O principal argumento usado pela Celesc para não assinar o acordo com a Intersindical é furado. O projeto lei que reestrutura o Setor Elétrico (desequalização tarifária) só vai ter repercussão nas empresas, segundo o próprio governo, em julho. Mesmo que isso não fosse verdade, a posição da Celesc é frágil: o governo de SC orientou a sua bancada no Congresso Nacional a votar favoravelmente ao projeto.

O próprio Diretor Financeiro da Celesc assinou artigo em jornal local defendendo o projeto e afirmando que ele traria vultuosos ganhos financeiros.



Nº215
19/02/93

Palavra de Colombo não vale nada

A diretoria da Celesc reafirmou a falta de palavra e negou-se a assinar o acordo coletivo que ela mesmo propôs a cerca de um mês. A negativa foi anunciada à Intersindical pelo presidente da empresa, Raimundo Colombo, que argumentou falando de dificuldades financeiras da empresa, causadas pela lei que desqualifica as tarifas do Setor Elétrico (veja box) e pedindo desculpas pelo erro de ter feito "uma proposta exagerada que não podemos cumprir".

Cerca de 1000 eletricitários aguardaram o desfecho da reunião da Intersindical com a diretoria da Celesc no hall da sede desde as 11h. A posição da empresa foi comunicada por volta das 14h. Em assembléia, Intersindical discutiu com a categoria a sua posição: "a proposta da Celesc está valendo e vai ter que ser cumprida mesmo sem assinatura. A questão polêmica se resume a cláusula do reajuste mensal, que deverá ser cumprida no dia 2 de abril. A assembléia, por unanimidade, fechou com a Intersindical: "vamos fazer isso valer de



Caravanas do interior lotaram o hall da sede

qualquer forma".

TENSÃO - A discussão entre os sindicatos e a empresa teve momentos de tensão. Os sindicalistas não aceitaram os argumentos da diretoria da Celesc e o que qualificaram de "falta de palavra e conduta mentirosa".

Durante a manifestação a Intersindical denunciou a utilização da Celesc como plataforma política para o presidente Colombo e declarou "que está iniciada uma cruzada contra este tipo de politicagem que prejudica a empresa e a sociedade". No mesmo sentido, a Intersindical publica hoje, no Jornal Diário Catarinense uma nota à população onde relata os acontecimentos.



Sindicalista contesta Colombo

Foto: Gastão Camelo

Intervenção na Elos

Na última segunda-feira a Intersindical reunida em Curitiba decidiu dar um basta às irregularidades na Fundação Elos. Enviou correspondência ao Ministro da Previdência, Antônio Brito, solicitando o mesmo procedimento que o Ministério adotou com a fundação Aéros, da VASP do "exemplar" Wagner Canhedo: intervenção e auditoria.

Rádio

O Sindicato dos Eletricitários do RS, em conjunto com petroleiros, telefônicos e servidores da Justiça estão com um programa de rádio diário em uma AM da grande Porto Alegre. Durante cinco minutos o assunto da rádio Bandeirantes é o movimento sindical.

Corte em vão

A medida demagógica do presidente Itamar Franco de cortar salários nas estatais não causou nenhum problema na Eletrosul. Contrariando a promessa feita por Amílcar Gazaniga de que quem resistisse às demissões ficaria satisfeito com seu salário, o arrocho persiste. O salário de Gazaniga está garantido: acabou de ser reajustado em 153% em função da luta da Intersindical na Celesc.

Livro

Está a venda no Sinergia o livro Conto e Poesia, resultante do concurso literário promovido pela entidade em todo o estado. A obra custa Cr\$ 50.000,00 no sindicato e com os representantes sindicais e Cr\$ 70.000,00 nas principais livrarias da cidade.



Toda a diretoria esteve com a Intersindical

Editorial

Colombo: ambição política e irresponsabilidade

A sociedade catarinense a cada dia é mais ultrajada. Os governantes são inconsequentes, interesseiros, oportunistas. As empresas de serviço público, como é o caso da Celesc, particularmente, vem sendo dilapidadas. O sistema elétrico está deteriorado, falta investimentos, e a energia elétrica está cada vez mais cara, a ponto dos catarinenses não mais poderem pagá-la com os salários aviltados ou com a recessão e o desemprego. O elevado nível de inadimplência dos consumidores residenciais, tradicionalmente os mais sérios, que pagavam em dia, se vêem à volta com o corte do fornecimento.

Os custos da Celesc sobem continuamente. E não por causa dos salários que paga, mas pelos equívocos administrativos, pelo uso da empresa como máquina partidária, como escada para promoção pessoal do Diretor-Presidente, que os bastidores da política querem transformar em virtual candidato da situação ao Governo do Estado em 1994.

Intersindical dos Eletricistas de Santa Catarina



EXPEDIENTE

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricistas de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares. Diretor Responsável: Dinovildo Gilcili. Editores: Gastão Casel (DRT/RS 6166) e Maril Cristina Scamazzon (DRT/RS 4966). Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricistas de Florianópolis. Impressão: gráfica do jornal O Estado. Redação: rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP 88015-030. Fone: (0482) 22-3866. Telefax: (0482) 23-5596. Cartas para a Tribuna Livre não podem ter mais de 30 linhas, e sua publicação fica a critério dos editores. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

A má gestão da Celesc, atinge as raízes da irresponsabilidade. Enquanto se gasta bilhões de cruzeiros para promover a tal descentralização e implantar a terceirização dos serviços essenciais, o presidente Raimundo Colombo contrata pessoas para a Assessoria de Marketing, para promover a sua imagem na mídia e nos meios políticos partidários. De um lado, o enxugamento do corpo funcional, necessário às atividades essenciais da empresa, como é o caso do pessoal das ex-cooperativas, demitido sumariamente, ao arremio da lei e do acordo coletivo. De outro, as contratações desnecessárias que, mais tarde, importarão em ações judiciais de vínculo de emprego.

Hoje o assina-não-assina de um acordo coletivo proposto pela própria empresa só revela o que já era evidente: esta diretoria não é séria, não respeita seus empregados, não tem palavra nem estatuto moral para administrar uma fatia tão importante do patrimônio dos catarinenses.

Falta segurança no Besc

O Sindicato dos Bancários de Florianópolis entregou no último dia 16 ao procurador geral João Carlos Kurtz, do Ministério Público de Santa Catarina, um dossiê com cerca de 100 páginas relatando irregularidades cometidas pelo Banco do Estado de Santa Catarina nas condições de saúde e segurança dos postos e agências da instituição, e quanto a excessos na jornada de trabalho dos bancários.

Segundo o relatório do Sindicato, cerca de 500 empregados do Besc em oito agências ou postos de serviço enfrentam condições de saúde e segurança que "colocam em risco a vida e os direitos dos trabalhadores". Através de perícias técnicas realizadas desde setembro de 1989, a entidade constatou uma incidência muito grande de bancários afastados por doenças profissionais ou provocadas pelas condições dos locais de trabalho. Só em 1991, essa situação gerou a emissão de 16 Comunicados de Acidente de Trabalho (CAT) para bancários portadores de Lesões por Esforços Repetitivos, as doenças profissionais dos digitadores.

18 bilhões em risco - A falta de segurança em diversos postos de serviços do Besc na região de Florianópolis, segundo o documento do Sindicato dos Bancários, coloca em risco de assalto pelo menos Cr\$ 18 bilhões por mês, apenas na cidade de Palhoça. São postos que funcionam sem qualquer segurança, com um ou dois bancários que são obrigados a deslocar diariamente o dinheiro mo-

vimentado no posto até a agência.

Essa situação se repete em postos importantes da capital, como o Hospital de Caridade, que está instalando num local muito pequeno, distante do policiamento, guardado apenas por um vigia sem posto individual de proteção. Em outro posto da Palhoça, no Aririú, os bancários consideram mais seguro guardar o dinheiro movimentado durante o dia na lixeira, que nas gavetas do caixa.

14 horas por dia - O documento denuncia, ainda, uma série de irregularidades quanto à jornada de trabalho dos empregados do Besc. Há agências em que os bancários trabalham até 14h30min, nos sábados, atendendo a retaguarda dos caixas eletrônicos. Em diversas agências, há ainda o exercício habitual de horas extras antes e depois do horário normal de atendimento ao público, sem que o banco pague a jornada extra. Segundo o artigo 224 da CLT, o bancário deve trabalhar seis horas por dia.

"O resultado dessas irregularidades é um número cada vez maior de trabalhadores afetados por lesões, doenças e desgastes físicos e psicológicos de toda ordem, relacionados aos



Curto-circuito em instalação precária fez bombeiros atenderem a agência Praça XV

processos de trabalho", conclui o Sindicato, no dossiê. "Para o cliente, o resultado é a redução, ainda que involuntária, da qualidade do atendimento".

"Medidas cabíveis" - Ao receber o documento, o procurador João Carlos Kurtz prometeu aos sindicalistas tomar as "medidas judiciais cabíveis ao caso". Kurtz encaminhou o documento ao Centro das Promotorias da Coletividade (CPC), que "procederá as investigações necessárias", segundo o procurador.

Até o final desta semana, o Sindicato dos Bancários entregará cópias do dossiê para outras seis instituições. No dia 17, os sindicalistas participaram da audiência com a Delegacia Regional do Trabalho e o Ministério Público do Trabalho. No dia 18, o dossiê passará às mãos do presidente da Assembleia Legislativa do Estado, Ivan Ranzolin (PRN), do prefeito de Florianópolis, Sérgio Grandó (PPS), e do delegado Valério Alves de Brito, da Polícia Civil. Na sexta-feira, 19, a audiência será com o superintendente regional do INSS em Santa Catarina.

De todas essas entidades o Sindicato espera "medidas no campo judicial e político, para garantir o patrimônio da empresa, a vida e os direitos dos trabalhadores". Com a divulgação do dossiê, os sindicalistas pretendem, ainda, pressionar para que a direção do Besc adote medidas para evitar a ocorrência de acidentes nos locais de trabalho.

No último dia 29, curto-circuito provocado por sobrecarga elétrica no subterrâneo da Agência Praça XV, em Florianópolis, quase pôs em risco "um dos edifícios memoráveis da cidade, o patrimônio financeiro do Besc, e as vidas de clientes e bancários", segundo o dossiê. "É um absurdo que os problemas se arrastem há mais de três anos, sem que o banco tome medidas concretas", afirma o presidente do Sindicato, Vânio dos Santos.

Falta o pão da vida, vale o circo da morte

Frei Betto
Escritor e jornalista

- É, parece que eu vou ser votada no Brasil - diz toda convencida, a cadeira elétrica.
- Por quê? Lá não tem pena de morte! - retruca, despeitada a força.
- Não tem oficialmente - reage ofendido o fuzil. - De fato, só em São Paulo, morreram 1.264 pessoas baleadas por policiais militares de janeiro a outubro de 1992, sem contar o massacre da Casa de Detenção. Ao menos oficialmente minha cotação continua em alta no Brasil.
- Mas que história é essa de pena de morte nos trópicos? - indaga curiosa, a guilhotina, sem disfarçar o sotaque francês.

Bem assentada, Eletrina explica:
- Andam matando por lá quem não devia morrer antes da hora: crianças bem nascidas, atrizes de novela, homens de negócio. E isso suscitando indignação nacional. A TV multiplica sua audiência novelizando casos e criando um caldo de cultura favorável à lei do talão.
- Ora, deixa de bobagem, Eletrina - reage Fuzilino -

Só no ano passado foram assassinados no Brasil 32 trabalhadores rurais, por conflitos fundiários, e ninguém pôs a boca no trombone. Por dia, são mortas cerca de três crianças de rua, e nenhum canal de TV dá uma de caridade. Por que os sinos não dobram quando as vítimas são pobres?

- Eu pensava em aposentar-se, agora fui de novo convocada ao trabalho - suspira Forquilha. - Dei um belo show em Washington, torcendo o pescoço de um cara que assassinou duas crianças.

- Vocês estão ficando malucas - reage Guilho, a mais charmosa. - não percebem que a pena de morte não reduz crimes? Fiz rolar a cabeça de Maria Antonieta; os abusos das elites acabaram? No Brasil, há cerca de 170 mil presos. Nos EUA, mais de 1 milhão. Se alguém pensasse na punição, não haveria assassinatos. Mas quem mata se julga impune e, por isso, quase todo o crime tem considerável dose de premeditação.

- Como assim? - pergunta Fuzilino, interessado.
- Primeiro, o sujeito enche a cabeça de fantasias. Educado por revistas em quadrinhos e filmes, acredita que os justiceiros - Batman, Super-Homem, Rambo, etc... - são mais eficientes que o aparelho policial. Veste

a carapuça e compra uma arma. Há nele uma predisposição assassina. Por fim, basta um esbarão do ciclista em seu carro ou o olhar atravessado do vizinho, e lá vai chumbo. Hoje, o assassino não é o bandido é o cidadão comum.

Eletrina se enche de bríos:
- Por isso a pena de morte vai funcionar. Em vez de cidadão fazer justiça com as próprias mãos, delega ao Estado a função de carrasco. Se a TV lá faz esse alarde todo em torno de quem já morreu, imaginem o que fará em torno de quem vai morrer. Já vejo os repórteres entrevistando o condenado, sua família reconhecendo que desde pequeno não era uma criança normal, as cenas do corredor da morte, o cardápio da última refeição e, enfim, eu lá no fundo, toda de Paco Rabanne, pronta para o abraço da morte.

- As elites policiais vão adorar - sugere Guilho com ironia. - Fazer o Estado altar de holocaustos é tirar de foco as crises políticas. Na falta de pão da vida, vale o circo da morte.



Culto a Dionísio

Luiz César Vieira
Empregado da Celesc

O calendário está a indicar o retorno iminente de "uma ofegante epidemia que se chama carnaval", como dizia Chico Buarque. Somos movidos à festa. Sempre estamos na expectativa de um. É a maneira com que, de certa forma, dominamos o tempo. Os dias deixam de ser sucessão desenfreada que consome canibalisticamente nossas vidas. O tempo e calendário é circular, previsível.

O carnaval significa uma ruptura na normalidade da vida. O mundo e suas tiranias entram em estado de suspensão provisória e, por cinco dias, a consciência que acumula os dilemas do cotidiano cede lugar aos impulsos da embriaguez coletiva, do esquecimento, do êxtase. O mundo social é subvertido: a vez da alteridade radical, da profanação sistemática, da irreverência, do desabafo. As fantasias e as máscaras confirmam a "negação da estúpida coincidência consigo mesmo".

Mas o carnaval extrapola o estatuto de uma festa popular cujo objetivo subliminar é restabelecer o equilíbrio social, liberando as tensões de um mundo imperfeito.

"...é a vez da alteridade radical, da profanação sistemática, da irreverência, do desabafo"

A grande folia remete à ancestralidade, aos tempos arcaicos da mitologia grega, aos festejos saturnais de Roma. Na origem, os deuses Apolo e Dionísio simbolizavam

dois instintos básicos da natureza humana. Apolo é o deus da forma, da razão, da serenidade. Dionísio, o deus do êxtase, do frenesi, enfeitamento e voluptuosa.

Na época da tragédia grega, segundo o filósofo Nietzsche, reinava a harmonia entre estes instintos resultando na plenitude humana perante a vida. Com o início da Civilização Ocidental em Sócrates e Platão, no entanto, a procura obstinada pela verdade e o triunfo da razão tecnológica, da religião e dos padrões morais mais ligados à Apolo, iria cindir definitivamente a harmonia original, desviando a humanidade dos elementos vitais de natureza dionísica. O carnaval representa a explosão dos instintos reprimidos pelo saber racional. É onde reina a alegria imanescente, o esquecimento de si, a reconciliação com o Cosmos.

Na praça XV, em Florianópolis, a imponente catedral eleva suas torres aos céus para diminuir a distância que nos separa do absoluto. Bem ali embaixo, por ironia, os bufões foliões, indiferentes aos apelos de transcendência religiosa, e embalados pela vibração monofônica dos tambores em ritmo cadente, tiram o máximo proveito deste período fugaz de alegria. O deus Apolo reina soberano no mundo ocidental, mas durante cinco dias, cumprindo acordo divino celebrado no Olimpo, Dionísio sai por aí sambando, bebendo, cantando:

"...ai que vida boa ole-rê
ai que vida boa ola-rá
o estandarte do sanatório geral
vai passar..."

Esquenta vento sul!

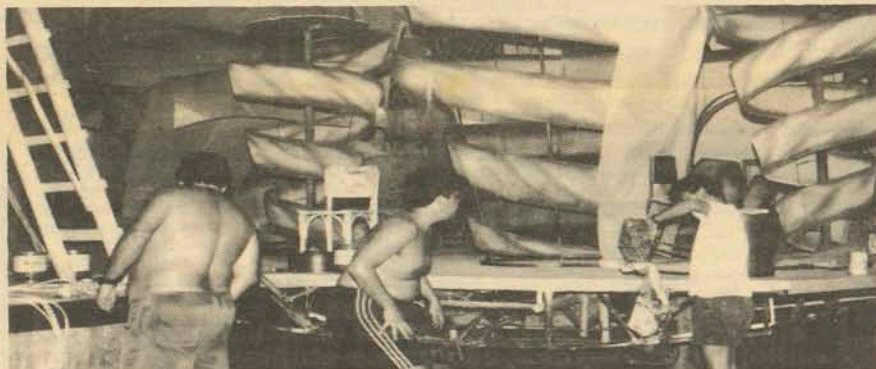
O Consulado briga pelo tri cantando o Sopro Sul, o movimento artístico que mudou o perfil cultural da ilha.

A julgar pela empolgação e pela criatividade do Grêmio Recreativo Escola de Samba Consulado, pela primeira vez o vento sul vai esquentar Florianópolis. O enredo *Sopro Sul* vai reviver na madrugada de terça-feira os feitos do "Grupo Sul", formado por artistas que trouxeram para a ilha, na década de 40, o movimento modernista na literatura, nas artes plásticas, no cinema, no teatro. Tudo transpassado pelo tradicional vento sul e pela "imensidão azul". "Através de ondas e espirais cenográficas o Consulado flutua pela imensi-

dão azul, rumo ao Sopro Sul", diz o enredo.

Para desenvolver seu enredo "cult", o Consulado não abriu mão de muitas citações e homenagens. Os 2 mil componentes distribuídos em 15 alas e 3 carros alegóricos vão mencionar desde ilhéus tradicionais como Salim Miguel e Hassis e Eglê Malheiros até celebridades como o italiano Pirandelo, o francês Jean Paul Sartre e o antropofágico-paulistano Oswald de Andrade.

CAEIRA - O Consulado, no entanto, não abriu mão de uma característica essencial: samba no pé. Cravado no coração da Caieira



Equipe do barracão da Consulado prepara o carro abre-alas da escola



Crianças do Consulado ensalam malabarismos

do Saco dos Limões, a escola deixou de ser um reduto de empregados da Eletrosul para assumir um perfil nitidamente comunitário, fácil de ser percebido por quem visita sua quadra de ensaio ou, especialmente, os barracões onde são construídas as alegorias.

A Consulado vem com tudo. Orgulhosa de ser bi-campeão e de ter representado Santa Catarina na ECO-92 com 40 crianças e muito samba. Vem com a certeza do tri.

Energia Radiante conta a história de Floripa

Organização e trabalho são as características da agremiação que faz o último carnaval como bloco. A ilha vai ganhar uma nova escola de samba no ano que vem.

"Florianópolis através dos tempos - ontem, hoje e amanhã". Com este enredo o Energia Radiante vai fazer o seu último desfile como bloco, no sábado de carnaval, tentando romper a sina de 12 vice-campeonatos (e nenhum campeonato) antes de virar escola de samba. "Nós já temos estrutura de escola, vamos desfilar com 900 figurantes e 11 alas, na prática isso já é uma escola de samba", argumenta Márcio Alexandre, presidente do bloco. Ele garante que a decisão de ser escola independe do resultado do desfile deste ano.

O Energia vai entrar na passarela para contar a história de Florianópolis. Desde a chegada dos açorianos, o encontro da guarda de Dias Velho com os índios, a construção das fortalezas e faróis até os dias de hoje, com a chegada dos numerosos turistas. O tema desenvolvido e

desenhado (fantasias, adereços e carros alegóricos) pelo carnavalesco Maurício Pereira passa ainda pelas histórias de Zé Pereira, arlequins, colombinas e havaianas, "figuras presentes no carnaval de qualquer lugar", destaca Maurício.

LOTAÇÃO ESGOTADA - Ao contrário do que aconteceu em outros anos, desta vez o Energia esgotou as vagas para o desfile com antecedência. Além disso, o fato de uma semana antes do carnaval o bloco estar com 90% dos trabalhos concluídos é certeza de que organização não falta para o Energia. Um trabalho bonito, feito com o modesto orçamento de 200 milhões de cruzeiros. "Tem escolas que só desfilam por milagre, pois dois dias antes estão com menos da metade das fantasias e alegorias prontas", conta Márcio.

O clima do barracão do bloco, na Abcelesc, na segunda-feira anterior ao carnaval era o de um local onde se faz os ajustes finais, cuida dos detalhes. As costureiras já descansando. As fantasias aguardando os foliões. Os carros alegóricos recebendo acabamento. Uma mistura

de tranquilidade com euforia. Energia Radiante, mais do que um estandarte é um estado de espírito.



Márcio, Maurício e sua equipe entre as fantasias do bloco